

“Olha a fogueira, passa fogo eu vou”. A Festa de São João do Maranhão como um meio Folk

PUCRS

Francinete Louseiro de Almeida
francinete.almeida@acad.pucrs.br

Resumen

El documento tiene como objetivo demostrar la fiesta de San Juan en Maranhão entenderse como un medio de comunicación popular. En primer lugar conceptualizamos partes no sólo como una celebración, sino como una forma de reconciliación y compartir. Las siguientes son las fiestas de junio que muestran cómo se encajan en la teoría de Folk. Terminamos con un ejercicio práctico, el análisis de una canción del grupo popular Bumba Boi de Morros, para que el lector conozca y entienda mejor el objeto de este artículo.

Palabras clave:

Los medios de comunicación, las Partes, junio Festival, la comunicación popular

Summary

The paper aims to demonstrate the St. John's party in Maranhão understood as a means of folk communication. First we conceptualize parties not only as a celebration but as a way of reconciliation and sharing. The following are the June festivities showing how they fit into the theory of Folk. We end with a practical exercise, the analysis of a song by folk group Bumba Morros de Boi, so that the reader knows and understands better the subject matter of this article.

Keywords:

Media, Parties, June Festival, folk communication

Resumo

O artigo se propõe a demonstrar a festa do São João no Maranhão entendida como um meio da Folkcomunicação. Primeiro conceituamos festas não somente como celebração, e sim como uma forma de conagração e partilha. Em seguida apresentamos as festas juninas, mostrando como elas se enquadram na teoria da Folk. Finalizamos com um exercício prático, a análise de uma música do grupo folclórico Bumba Boi de Morros, de forma que o leitor conheça e entenda melhor o objeto de estudo deste artigo.

Palavras – chave:

Comunicação Social, Festas, Festa Junina, Folkcomunicação

Introdução

Vários estudos sobre o folclore foram e continuam sendo realizados ao longo das últimas décadas em decorrência de toda uma valorização realizada pelo campo, o que leva estudantes das mais variadas áreas das ciências sociais e humanas a pesquisarem o assunto. Na comunicação, e especificamente na Folkcomunicação, fenômenos iguais ocorrem e é cada vez mais significativa a emergência de novos estudos e pesquisas na área.

Este artigo é um recorte da pesquisa que trabalha as estratégias de comunicação utilizadas na divulgação do evento São João do Maranhão. Nossa análise procura identificar, nessas estratégias, a identidade e a representação de um determinado povo, a saber, o povo maranhense. Como a pesquisa parte da perspectiva de entender a comunicação do evento como um todo, neste artigo será estudado o São João como um meio folk, ou seja, em que aspecto esta festa se caracteriza como um meio da Folkcomunicação.

Assim, traremos um fragmento dos festejos do São João que demonstra o quanto o nosso folclore ainda mantém suas raízes e se justifica nas suas escolhas e inovações. Vale lembrar que, para a estruturação do artigo, nos fundamentamos em conceitos das ciências sociais, tentamos aplicá-los num objeto real com a intenção de demonstrar o que aqui estamos nos propondo a apresentar que seria esse intercâmbio entre a festa do São João e a teoria da Folk.

Festas

Para que se entenda melhor o que são festas, buscamos na Antropologia e na Sociologia, alguns conceitos aplicáveis para a pesquisa. No entanto, antes de se falar propriamente do objeto de estudo, tentamos perceber os aspectos que estão intrínsecos no ato de realizar a festa. É importante olhar o indivíduo primeiramente no seu ambiente e nas suas relações. Como afirma Maffesoli: “Seja nas idas às ‘boates’, nos ajuntamentos religiosos, nas diversas peregrinações exóticas ou na multiplicação das práticas esportivas, o que está em jogo é a exaltação da vida no que tem de sensível e afetivo.” (MAFFESOLI, 2007, p. 42)

O ser humano tem a necessidade do afeto. Desde quando existimos nossos sentimentos são cultivados e desenvolvidos à medida que estamos num mundo de partilha. Compartilhar as emoções preenche a vida dos indivíduos de esperança e de possibilidades. A própria celebração da vida pertence a esse mundo de sensibilidades que é construída pelos indivíduos nos momentos de congraçamento. A velha máxima do pensador John Donne onde ‘nenhum homem é uma ilha’ sempre foi verdadeira e sempre será, e são nas festas, que o homem do mundo moderno externa esses sentimentos, são nas festas que o homem supre a sua necessidade do outro. A festa seria então: “... o espaço por excelência de reunião social, de assembleia coletiva e de solidariedade.” (PEREZ, 2011, p.45). É nesse ajuntamento que os homens se reconhecem enquanto seres humanos. É nessa relação com o outro, que os seres humanos se encontram enquanto seres vivos e conseguem, enfim, se identificar, criar vínculos e sentimentos de pertença.

As festas populares são uma espécie de busca de identidade. Os indivíduos precisam desses rituais para encontrar suas origens e se respaldarem naquilo que eles são. A aproximação encontrada nas festas causa essa reafirmação, contribui para um processo de reconhecimento e identificação. A festa, pode – se assim afirmar, serve como um antídoto para um renascimento. Nossa pesquisa tem como objeto de estudo uma festa folclórica, os festejos juninos do Maranhão, conhecido popularmente como Festejos de São João. Esta festa é realizada e cultivada através de comunidades que se identificam culturalmente, que se relacionam por/pela sua cultura. Nesse reconhecimento repousa a sua condição de sociedade, seus laços históricos, suas afinidades e aproximações.

Festa Junina e Folkcomunicação

As Festas juninas são comemorações populares que acontecem no Brasil no mês de junho, com o intuito de celebrar três santos seguidamente, dia 13 de junho – Santo Antônio; dia 24 de junho – São João e dia 29 de Junho – São Pedro. Neste artigo, em específico por fazermos referência ao São João do Maranhão, incluiremos nesta lista de santos que são celebrados nas festas, o São Marçal, comemorado no dia 30 de junho.

Como fundamentado acima, as festas possuem vários objetivos que vão além do festejar e do celebrar. São espaços de trocas, de conagração, de reafirmação e de identidades. E isso podemos afirmar, também, em relação aos festejos juninos.

Ela foi importante mediação simbólica, constituindo uma linguagem em que diferentes povos podiam se comunicar. Sendo síntese das mediações, especialmente entre natureza e cultura, foi ela um dos elementos facilitadores do transplante de um modelo social europeu para terras tropicais até quase os últimos tempos do período colonial, quando a igreja católica imperava politicamente e as procissões e festas de santos eram praticamente intermináveis (AMARAL, 1998, p.59).

A partir dessa afirmação, entramos nas origens das festas juninas no Brasil. Acredita-se que as festas nasceram na região da França no século XII e vieram para o Brasil pelos portugueses “A comemoração das festas juninas é certamente herança portuguesa no Brasil, acrescida ainda dos costumes franceses que a eles se mesclaram na Europa.” (AMARAL, 1998, p. 159). Ao chegar ao Brasil, a festa ganhou jeito tropical, porém serviu como mediadora, principalmente de culturas num período em que a igreja católica tinha uma grande influência na sociedade. Na festa se comemoravam os santos da igreja porém, também, era o local do encontro e do compartilhamento.

No Brasil, essas festas cresceram, principalmente no nordeste. Nos estados dessa região (as festas) servem de palco não só para as apresentações, mas para a conquista de votos, a divulgação de campanhas sociais ou de saúde e o desenvolvimento de marcas. Hoje as festas juninas se aprimoraram e se reinventaram, tornando-se verdadeiras fontes de renda para alguns estados, pois conseguem fomentar o mercado do turismo.

Porém, apesar de todas as mudanças e inovações que encontramos hoje nos festejos juninos, é válido lembrar que essa festa popular ainda é cenário das manifestações folclóricas. O folclore é conceituado como “o conjunto das criações culturais de uma comunidade, baseado nas suas tradições expressas individual ou coletivamente, representativo de sua identidade social” (COMISSÃO NACIONAL DE FOLCLORE, 1995, p. 01). São essas criações culturais que presenciamos nas festas juninas, apesar das mudanças e inovações inerentes a todo processo cultural, inclusive para enriquecer as suas produções. Além disso, ainda podemos assistir nos arraiais¹, onde há diversas brincadeiras e danças que são frutos da organização e preparação de comunidades. A cultura é repassada através dessas festas, e, nesse sentido, trazemos o conceito de Folkcomunicação: “processo de intercâmbio de mensagens através de agentes e meios ligados direta ou indiretamente ao folclore e, entre as suas manifestações, algumas possuem caráter e conteúdo jornalístico, constituindo-se em veículos adequados à promoção de mudança social.” (BELTRÃO, 2014, p. 65).

Ainda hoje conseguimos presenciar nas festas juninas esse processo de intercâmbio. Seja na forma de fazer uma música, na forma de organizar uma dança folclórica e na forma de conceber a própria festa, pois algumas comunidades só realizam os festejos por uma questão religiosa, e isso é transmitido na família de pais para filhos. Podemos perceber a

¹ Em São Luís do Maranhão, os locais onde se realizam as festas juninas são denominados de Arraiais. Eles são montados em vários lugares da cidade e sua característica principal são as barracas de comidas típicas confeccionadas em palha. Geralmente fica um espaço, de visão privilegiada, para a apresentação das brincadeiras.

comunicação inerente neste processo, pois o folclore é um grande canal de transmissão de cultura para uma coletividade e o estudo desse canal se faz através da Folkcomunicação. Como afirmou Hohlfeldth

A folkcomunicação é o estudo dos procedimentos comunicacionais pelos quais as manifestações da cultura popular ou do folclore se expandem, se sociabilizam, convivem com outras cadeias comunicacionais, sofrem modificações por influência da comunicação massificada e industrializada ou se modificam quando apropriadas por tais complexos.

O objetivo deste artigo é demonstrar como as manifestações folclóricas dos festejos juninos no São João do Maranhão ainda se enquadram no conceito da folk, considerando que existe um processo comunicacional intrínseco, seja nas danças ou nas letras que são divulgadas pelos grupos folclóricos. Mesmo sabendo que hoje, a Indústria Cultural² transformou em parte a logística desses grupos, e nossa intenção aqui não é discutir esse ponto, mas sabemos que por uma exigência de mercado existe todo um processo da indústria nos grupos folclóricos maranhenses: observamos, porém, que ainda sobrevivem as tradições e primeiras essências nessas manifestações. Entendemos que, como afirmado no conceito acima, esses grupos se expandem, se sociabilizam, utilizando - se de outras formas de comunicação. É o caso do exemplo que trazemos para este artigo. Nossa ideia é apresentar uma das formas como grupos folclóricos maranhenses socializam sua cultura, por isso no próximo ponto apresentamos a toada de um Bumba meu boi da orquestra do Maranhão. Essa canção foi gravada em CD e se expandiu para os apreciadores do grupo. Hoje ela pode ser acessada e ouvida num site de letras musicais, dividindo espaço juntamente com outras músicas de cantores brasileiros de diversos estilos. Um ponto importante que nos fez pensar nessa toada é o fato de que ele narra uma tradição do São João: o passa – fogo³.

A tradição no São João do Maranhão

O estado do Maranhão foi colonizado pelos portugueses, porém foi invadido pela França, deixando influências no estado; inclusive o nome da capital é uma homenagem ao rei da França, Luís IX. Em 1615, tropas portuguesas conseguiram retomar o governo no estado. Além dos franceses, o Maranhão também foi invadido pelos holandeses em 1641. As diversas influências pontuam ritmos, cores, danças e sabores diferentes que se somam num único festejo, que no Brasil todo é conhecido como festa junina.

No Nordeste, essas festas giram em torno das datas comemorativas de 03 santos da igreja católica – Santo Antônio, São João e São Pedro. No Maranhão, comemora-se, ainda, o São Marçal, que encerra as festividades. No estado, mencionadas festas são marcadas pelo envolvimento das comunidades, que festejam durante todo o mês de junho, mas que se reúnem o ano todo para a confecção dos figurinos, dos adereços e dos ensaios, como é o caso do grupo folclórico Bumba meu boi de Morros. O Bumba meu boi de Morros foi fundado no dia 23 de junho de 1976, há 39 anos. O grupo foi fruto de um trabalho educativo da professora Terezinha Bacelar, juntamente com os professores e amigos: Maria Marlene Ferreira Lobato (principal idealizadora), Maria Aparecida Ferreira Lobato, Maria do Socorro Araújo Ferreira, José Ribamar Muniz Lobato e Valter Ferreira, da Escola Normal Monsenhor Bacellar. Esse

² O termo Indústria Cultural foi criado pelos filósofos e sociólogos alemães Theodor Adorno e Max Horkheimer, a fim de designar a situação da arte na sociedade capitalista industrial.

³ A tradição do Passa – fogo é realizada no momento em que, pessoas que são ligadas somente pelos laços da amizade decidem tornar-se parentes, pois esta tradição funciona como um batizado, onde o padrinho coloca nos braços, ou passa juntamente por uma fogueira, com o seu respectivo afilhado.

trabalho tinha como objetivo recuperar uma tradição do início do século que estava esquecida na região do Munim, município de Morros, no estado do Maranhão.

A brincadeira já gravou vários Cd's e se apresentou em vários lugares do país e do mundo, inclusive em festivais no Japão e na Alemanha. Em 2005, no CD Paraíso da criação, o Bumba boi de Morros apresentou e coreografou a seguinte toada:

Noites lindas - Boi de Morros

Compositor: Lobato

Noites lindas que marcaram a minha vida/ Noite enluarada de céu estrelado/Do mês de junho da minha infância querida/ Em que meus pais me ensinaram/A respeitar os fogos soltar os chuveiros e a s bombinhas/ No cordão do Bumba meu boi ou ao som de uma quadrilha

E a gente brincava, a gente pulava, a gente dançava, a gente corria/E alguém a fogueira acendia/ A gente sonhava, a gente fugia, inflava o balão e o balão subia/ Alguém a fogueira acendia/ E eu dizia/ Olha a fogueira passar fogo eu vou! / Fazer uma amizade para o Criador/ Dizer palavras mágicas no fogo do amor, assim/ São Pedro disse, Santo Antônio confirmou/ Que tu vai ser meu compadre, você minha comadre

São João mandou

Para entendermos a composição, buscamos na análise do discurso os referenciais necessários. Daí concluímos que todo ato de linguagem possui uma dupla dimensão, um duplo valor. Charaudeau chama de dimensões do explícito e do implícito. “O Explícito como testemunha de uma atividade estrutural da linguagem: a simbolização referencial e o Implícito como testemunha de uma atividade serial da linguagem: a significação” CHARAUDEAU, 2010, ps. 24 e 25). Nesse autor, temos dois pontos importantes para a análise: a referência e a significação. No discurso que será analisado temos também essas duas dimensões bem desenhadas, no entanto, a dimensão do implícito, por estar ligada àquilo que tentamos realizar na produção de sentido, conduz à dimensão do explícito, pois é ele que estabelece a significação num processo discursivo.

Em outras palavras, longe de conceber que o sentido se constituiria primeiro de forma explícita em uma atividade estrutural e, em seguida, seria portador de um implícito suplementar no momento de seu emprego, dizemos que é o sentido implícito que comanda o sentido explícito para constituir a significação de uma totalidade discursiva.” (CHARAUDEAU, 2010, p. 26)

Na toada do Boi de Morros percebemos implicitamente traços característicos da transmissão de ensinamentos, pois logo na primeira estrofe o compositor ressalta que durante a vida dele havia noites lindas que ele presenciava no mês de junho, quando criança. Seus pais lhe ensinaram as tradições dos festejos de São João, e são essas tradições que a música deseja ensinar. A tradição de uma comunidade, de um povo e de uma cultura é o que a cantiga busca ensinar, mesmo que de forma implícita.

De forma explícita, ao longo da primeira e da segunda estrofe, nos é apresentada uma infância feliz e inocente nas brincadeiras dos festejos juninos. Com isso entendemos que as famílias se envolviam com os festejos e que eles mesmos eram os responsáveis pela festa, eles organizavam e participavam das brincadeiras também. E como o compositor narra: “-alguém a fogueira acendia”; aqui, além de entendermos o ritmo da festa através da letra da toada, é ensinada mais uma tradição dos festejos, o passa fogo, que existe até hoje nas festas

juninas, quando amigos, através deste gesto, se tornam compadres e comadres, como uma espécie de batismo. Celebra-se, com esse ritual, o amor entre as pessoas que fazem parte de uma comunidade, de uma sociedade, e, pela construção do discurso na canção, aqueles que não conhecem essa tradição, passam a apreciá-la e também interagem, participando e cultivando-a. Isso é um aprendizado através do folclore.

Considerações provisórias

Seja no sul, norte, nordeste, sudeste ou centro-oeste, ou seja, em qualquer parte do Brasil, nosso folclore com suas danças típicas, seus rituais e tradições são mantidos para que possam ser transmitidos e ensinados a outros que não o conhecem. Sem isso, nossa história e nossas raízes não existiriam mais. A canção analisada, que não é tão recente, é do ano de 2005, nos mostra que, até mesmo brincando, é possível manter um processo de ensino e aprendizagem. A teoria da Folkcomunicação nos faz entender isso; a canção apresentada é um meio de comunicação que se expandiu e se utilizou de outras mídias para cumprir o seu objetivo principal.

Como considerações, podemos dizer que a festa do São João é um veículo da Folkcomunicação pelo fato de que tudo o que é organizado nesta celebração tem o objetivo de comunicar, de informar e de compartilhar. O presente artigo se propôs a mostrar isso através de uma canção junina, uma vez que as referidas festas são objeto da folkcomunicação, não porque se trata única e exclusivamente de falar sobre folclore, mas, e principalmente, pela observação de que essas festas são espaços de transmissão de culturas, de identidades e de tradições.

Bibliografia

- Comissão Nacional De Folclore, p. 01, 1995 Disponível em: <<http://www.fundaj.gov.br/geral/folclore/carta.pdf>>. Acesso em: 27 jul. 2014.
- Beltrão, Luiz. (2014) *Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias*. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Amaral, Rita de Cassia de Mello Peixoto. (1998) *Festa à Brasileira. Significados do festejar, no País que "não é sério"*. Tese de Doutorado, São Paulo.
- Maffesoli, Michel. (2007) *O Ritmo da Vida: variações sobre o imaginário Pós-Moderno*. Rio de Janeiro: Record.
- Perez, Léa Freitas. (2011) *Festa, religião e cidade: corpo e alma do Brasil*. Porto Alegre: Medianiz.
- Hohlfeldt, Antonio. (2002) Novas tendências na Pesquisa da Folkcomunicação: Pesquisas acadêmicas se aproximam dos estudos culturais. Comunicação apresentada no Núcleo de Pesquisa sobre Folkcomunicação no âmbito da XXV Intercom, Salvador, 1 a 5 de setembro de 2002. Disponível em: <http://www2.metodista.br/unesco/PCLA/revista14/artigos%2014-1.htm>. Acessado em 29 de abril de 2015
- Charaudeau. Patrick. O discurso propagandista: uma tipologia, In MACHADO, Ida Lucia & MELO, Renato. *Análise do Discurso Hoje*. Vol. 03, Rio de Janeiro: Nova Fronteira (Lucerna) 2010, p.57-78, consulte Le 23 avril 2011 sur Le site de Patrick Charaudeau – Livres, articles, publications, URL: <http://www.patrick-charaudeau.com/o-discurso-propagandista-uma.html>
- <http://www.boidemorros.com/> Acessado em 17 de junho de 2015.
- <http://www.vagalume.com.br/boi-de-morros/noites-lindas.html#ixzz46yFJnZsa> Acessado em 20 de abril de 2016.